

**FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL CHINESA E SUA NOVA FASE NA
TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO**
**LA FORMACIÓN SOCIOESPACIAL DE CHINA Y SU NUEVA FASE EN LA
TRANSICIÓN AL SOCIALISMO**

Leonardo Mosimann Estrella⁹⁷

José Messias Bastos⁹⁸

Resumo: Ao analisar as características do processo chinês de desenvolvimento na base teórico-metodológica do marxismo-leninismo de I. Rangel e de A. Mamigonian, o estudo conclui que não cabe assumir que a China revela uma nova tipologia de formação sócio-espacial além do que K. Marx teorizou como modo de produção socialista, e nem se pode admitir que o país promove seu desenvolvimento através de uma Nova Economia do Projetamento. A China vivencia sua transição ao Socialismo a partir do modo de produção Asiático e por meio da Via Prussiana, sedimentada na liderança do PCCh e estruturada na sua estratégia milenar refletida em seus Planos Quinquenais que chegam à décima quarta edição com robusto Planejamento e sua singular direção estratégica. Com isso, rejeita-se seu modelo Socialista e seu destacado papel desempenhado na economia mundial do século XX e do XXI como estruturados numa fase superior construída e/ou dependente do Projetamento, embora o use mormente por sua necessária submissão ao processo de Planejamento desdobrado por meio do “marxismo na prática”.

Palavras-chave: Marxismo; Formação Sócio-Espacial; Planejamento; Projetamento; Socialismo; China.

Resumo: Analizando las características del proceso de desarrollo chino sobre la base teórico-metodológica del marxismo-leninismo, I. Rangel y A. Mamigonian, el estudio concluye que no se puede suponer que China revele un nuevo tipo de formación socioespacial más allá de lo que K. Marx teorizó como modo de producción socialista, ni que el país promueva su desarrollo a través de una Nueva Economía de Proyecto. China vive su transición al socialismo desde el modo de producción asiático y a través de la Vía Prusiana, basada en el liderazgo del PCCh y estructurada en su estrategia milenaria reflejada en sus Planes Quinquenales, que han alcanzado su decimocuarta edición con una planificación robusta y su dirección estratégica única. Esto rechaza su modelo Socialista y su destacado papel en la economía mundial de los siglos XX y XXI como estructurado en una fase superior construida sobre y/o dependiente de la Planificación, aunque la utilice principalmente por su necesaria sumisión al proceso de Planificación desplegado a través del “marxismo en la práctica”.

Palabras clave: Marxismo; Formación Socioespacial; Planificación; Diseño; Socialismo; China.

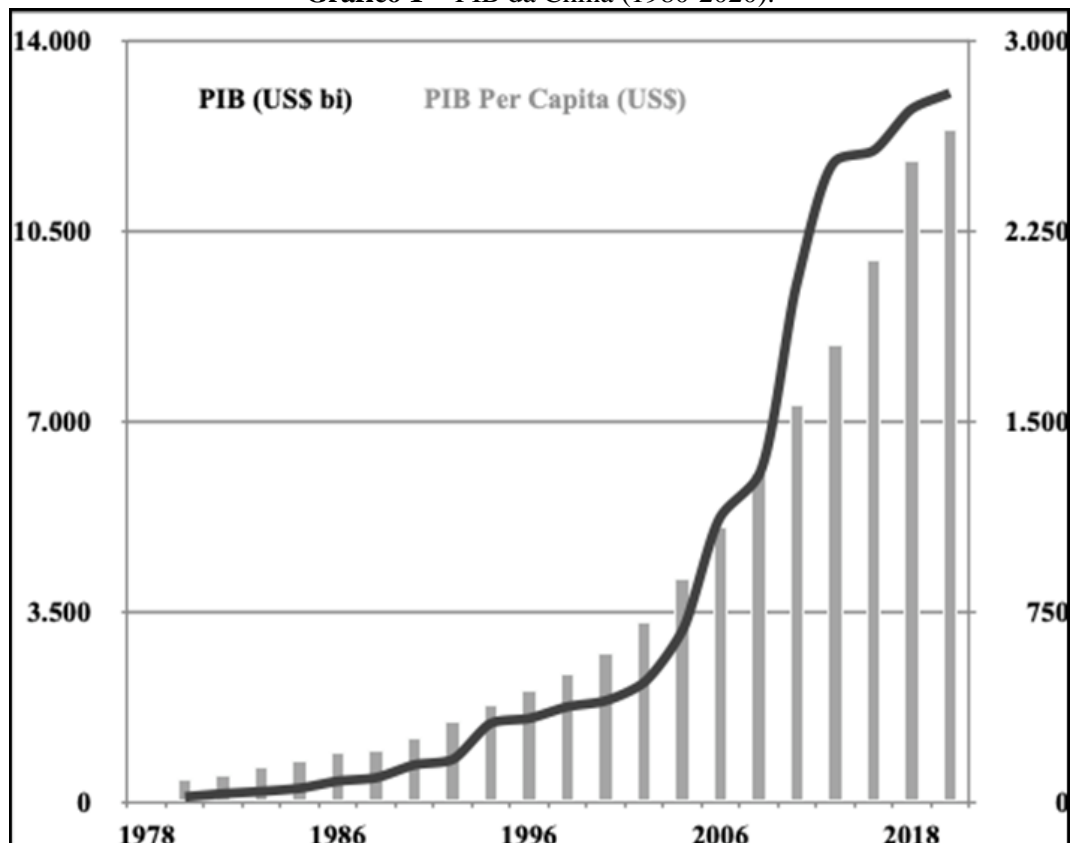
⁹⁷ Mestre e doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela UDESC. Professor de Administração e Coordenador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Observatório de Gás Natural da Vision Gas – leo@visiongas.org.

⁹⁸ Professor Titular do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Coordena o Instituto Ignacio Rangel e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais da UFSC - j.bastos@ufsc.br.

1. Introdução

Com a Revolução de 1969 (Mao Tsé-tung⁹⁹) e considerando o seu atraso econômico, (Gráfico 1) a economia chinesa imprimiu acelerado crescimento desde a década de 1990. A partir desse extraordinário desempenho de vertiginoso crescimento, parte da academia procura adjetivar o desenvolvimento chinês dentro de uma nova categoria ou novo tipo de formação sócio-espacial para compreender e/ou apresentar as particularidades do país e seus modelos econômico e de Estado-nação. No Brasil, esse debate se intensifica através das novas mídias e por meio de pesquisadores que se posicionam como do campo progressista e do nacionalista, mas revelam destacada sede pela promoção de teorias novidadeiras como alicerce para propagar suas ideias. Esse movimento visa à criação de novas categorias, não de análise, mas que arriscam dar encaminhamento a uma nova fundamentação teórica que definiria o modelo de formação chinês e/ou em método de estudo que transfere, de forma indevida, um pensamento singular sobre a realidade brasileira como o de I. Rangel, que certamente seria capaz de explicar o particular modelo da China.

Gráfico 1 - PIB da China (1980-2020).



Fonte: UNCTAD (2022).

99 Líder da independência chinesa (Mamigonian et al., 2022).



Com isso, o presente estudo responde se a formação sócio-espacial¹⁰⁰ chinesa se apresenta como nova categoria de desenvolvimento ou “apenas” como nova fase no seu processo particular de transição e/ou constituição do modo de produção socialista, indo além dos usados adjetivos “Socialismo de Mercado” e “Capitalismo de Estado”. Para enfrentar esse enunciado, a pesquisa coteja as afirmações de E. Jabbour com teóricos clássicos (A. Smith; K. Marx; e V. Lenin) e pensadores singulares (A. P. de Oliveira; A. Mamigonian; I. Rangel; e H. Kissinger). Trata-se de análise comparativa para compreender o que é de fato a realidade do modelo dinâmico da China e o que seriam adaptações teóricas para explicar o processo de desenvolvimento da principal economia do século XX e do XXI, como futuro e/ou atual centro gravitacional do mundo¹⁰¹.

2. Primeiras bases teóricas

No século XVIII, Smith (2016) percebeu dois principais modelos de desenvolvimento. Os limites da lógica Europeia, que de forma acelerada se baseava em conquistar territórios para sua expansão econômica; e o caso da China¹⁰² que se desenvolvia de forma gradual e lenta assumida como um tipo de “via natural” e um “caminho extrovertido da Revolução Industrial”. Citando o caso chinês, o autor considera adequado o caminho de formação a partir da agricultura, cidades e comércio interno para apenas depois promover o comércio internacional. Já o modo europeu priorizava o mercado externo através da industrialização e, posteriormente ou em paralelo, o desenvolvimento das atividades camponesas. Lembra o autor ainda que a China reconheceu o Oeste Norte-americano um século antes da Inglaterra, resolvendo não explorar esse território fruto de sua distinta visão cósmica e sua cultura particular de relações entre nações (Arrighi, 2008). Para A. Smith o caminho de formação deveria dispensar a força (guerra), modelo que para ele não poderia prevalecer com constante sucesso econômico ao longo da história.

100 Interdependência entre modo de produção (circulação, distribuição e consumo), formação espacial e espaço; sendo essa formação produto da força da estrutura produtiva. A estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente a distribuição da atividade de produção; as diferenças de lugares são o resultado dos arranjos espaciais dos modos de produção particulares; e os níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e das suas combinações orientam o valor de cada local (Santos, 1977).

101 T. Rawski *in* Arrighi, (2008, p. 29) afirma que nenhum economista previu o imenso dinamismo Chinês.

102 “A China é um país muito mais rico que qualquer região da Europa.” (A. Smith *in* Arrighi, 2008, p. 41). O autor já apontava que a Europa estaria distante da competição perfeita.



Para compreender essas dinâmicas socioeconômicas e esses processos de formação das sociedades, K. Marx desenvolve o conceito de modo de produção (prevalente) como forma de organização econômica para produzir os bens materiais e culturais em estado-nação, categoria do materialismo histórico. Dois elementos formam esse modelo: as forças produtivas; e as relações de produção (Marx, 2017). Entre eles estão identificados diversos modos de produção: Primitivo ou Tribal¹⁰³; Germânico¹⁰⁴; Asiático¹⁰⁵; Escravista¹⁰⁶; Feudal; Capitalista; Socialista e Comunista. A China apresenta como modelos históricos o modo Asiático¹⁰⁷ e a transição, em curso, para o Socialismo. Marx (2017) assinala com muita ênfase que a maciça expropriação camponesa privilegiou não só as manufaturas capitalista das novas cidades produtoras fornecendo um exército de trabalhadores “livres”, como também aos arrendatários capitalistas do campo que se tornaram grandes geradores de renda fundiária apropriada pelas referidas cidades inglesas. Ou seja, o campo drenando riqueza para a cidade por meio das atividades agrícolas.

Partindo de K. Marx, Lenin (1980, 1985; 2012; 2022) aperfeiçoa essa definição de modelos econômicos ao comparar as duas vias consideradas como principais de desenvolvimento nas transições dos modos de produção para o Capitalismo e para o Socialismo, como passíveis de aplicação em países cêntricos e periféricos. São processos não uniformes verificados na economia rural e denominados de Via Americana e Via

103 Forma-se pela evolução espontânea da ampliação da família e dos casamentos entre famílias com característica nômade (ausência de lugar fixo) e baseado na exploração do espaço ambiental como fornecedor da subsistência (Marx, 1981).

104 Marx (1981) define a “Forma Germânica” como autossuficiente em comunidade com condições naturais de trabalho. Nesse caso, a apropriação da terra está condicionada a fatores geoclimáticos e sócio-históricos como migrações, relações de conflitos com outras comunidade, em condições objetivas de trabalho como sendo próprias condições da família dona da terra. O modelo germânico difere do modelo asiático ao não identificar nessa forma a copropriedade da terra com as frações de terra pertencentes à comunidade (gleba) e que podem/devem ser exploradas enquanto seus próprios “exploradores” forem membros da comunidade.

105 Agricultura baseada na irrigação por meio do controle de fluxos dos rios, que poderiam ligar áreas em razão dos solos férteis voltados para a produção de grãos e a criação de animais. O controle dos fluxos dos rios pela irrigação era promovido pelo Estado (mais ou menos burocratizado e teocratizado) da época, o que contribuiu com a formação social e cultural dessas civilizações. Esse tipo de agricultura, que caracteriza o modo de produção Asiático, perdeu por cerca de quatro mil anos (Franco; Chacon, 1978).

106 Conglomerados urbanos de proprietários de terras voltados à agricultura e com pouca incidência de artesãos, mercadores e negociantes, cuja classe dominante eram os proprietários agrários independentemente do modelo político. Surge como invenção do modelo greco-romano para responder aos gargalos de desenvolvimento, com pré-existência na Antiguidade. Assume forma absoluta (perda completa de liberdade dos escravizados), com sua aplicação em escala e participação do Estado (Anderson, 2000).

107 A administração pública e as comunidades camponesas se opunham e se completavam, numa dialética das relações de produção e forças produtivas (Mamigonian, 2008b).

Prussiana. A Via Americana, mais bem definida como Via Revolucionária¹⁰⁸, é caracterizada principalmente pela industrialização do Nordeste dos Estados Unidos (EUA) e o processo produtivo revolucionário da burguesia inglesa que levou à superação do Feudalismo, culminando na Revolução Industrial que se expandiria para Europa (Bélgica 1830 e França 1850). Já a Via Prussiana¹⁰⁹ percorre o mesmo processo, mas sob a liderança de senhores feudais que lideraram o processo de constituição das relações Capitalistas de produção, promovendo transições de “cima para baixo” consideradas lentas, seguras e graduais¹¹⁰ tanto para o Capitalismo como para o Socialismo. É importante acrescentar ainda que há também um terceiro processo que deve ser considerado, a Via Comercial cujas particularidades no seu desenvolvimento se dão quase sempre por combinação com a Via Revolucionária e com a Via Prussiana, no entanto sempre desempenhando um papel secundário no processo de transição. Ao refrescar suas ideias, Gramsci (2002) coloca a Revolução Passiva (Via Prussiana) Socialista sob a liderança do Moderno Príncipe¹¹¹, que seria o Partido Revolucionário devidamente preparado e qualificado em posição dialética (mediação com os intelectuais da classe ascendente) intermediária. Na China essa é uma realidade há mais de sete décadas, sob o comando do Partido Comunista Chinês (PCCh).

Mamigonian (2008b) recorda que as ideias marxistas e leninistas são responsáveis pela ascensão da China, logo após sua humilhação que entrou pelos séculos XIX e XX, período em que o país sofria um tipo de exploração sistemática externa com apoio inclusive de aliados internos e, por isso, vitimada pelo colonialismo e pelo imperialismo (Mamigonian, 2023). Nesses processos, e ao longo dos séculos, o país incorpora e não rejeita suas ideias primitivas distanciando-se de modelos religiosos do Ocidente, mantendo-se em bases filosóficas mais sólidas, onde a diplomacia é perseguida e, portanto, com tendência menos belicosa¹¹². Ao analisar a ascensão chinesa a partir do

108 Ligada ao processo de industrialização dos “novos” capitalistas que exercem força econômica sobre territórios periféricos, como no caso da aquisição de insumos fabris de baixo custo e da comercialização de seus produtos industrializados.

109 Colônias e semicolônias impelidas ao protecionismo promovem o desenvolvimento econômico com a ação do Estado nacional desenvolvimentista.

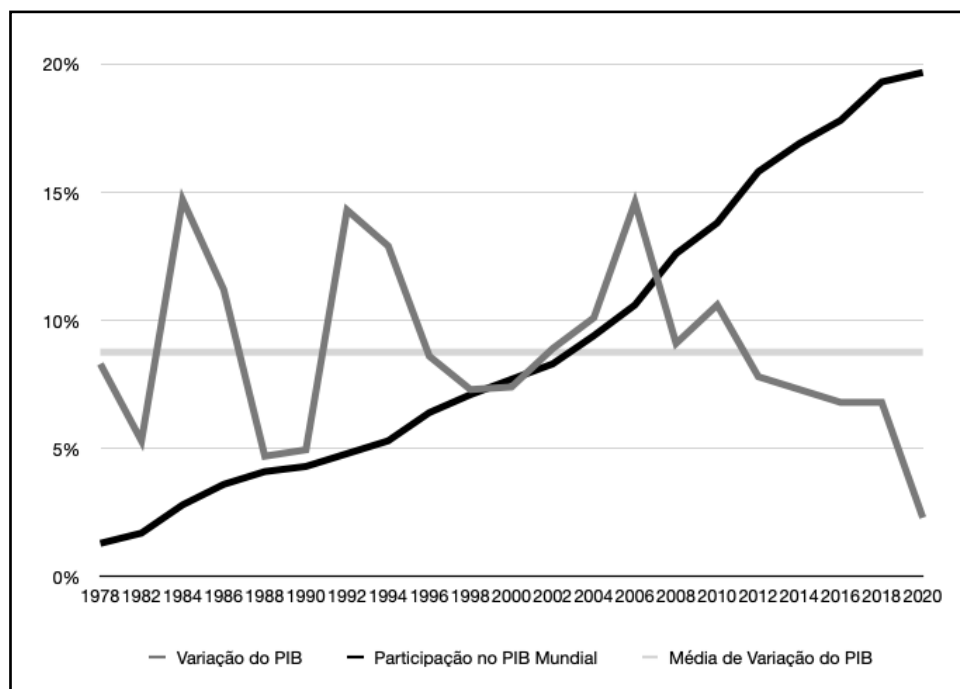
110 Denominação dada por Prado Júnior (1970) em seu estudo sobre a formação socioeconômica do Brasil. O autor repete sobre o Brasil o que A. Smith (2016) havia percebido precocemente no modelo de desenvolvimento da China.

111 Lembrando “O Príncipe” de N. Maquiavel.

112 O gasto militar é uma política anticíclica para o Capitalismo Ocidental como apontou R. Luxemburgo (Mamigonian, 2023).

século XX, o singular geógrafo enfatiza a associação à decadência Ocidental movida pelo Capitalismo (Mamigonian, 2023), crise que, pela Teoria dos Ciclos Longos (N. Kondratieff), demonstra-se na longa fase descendente desde 1973 (Rangel, 2012) até os dias atuais, inserida no lento engendramento da Terceira Revolução Industrial¹¹³ ainda incompleta nos dias atuais. Ressalta ainda que a transição do Feudalismo para o Capitalismo foi um fenômeno Europeu, mas que o processo do Capitalismo para o Socialismo se dá em escala mundial com destacado caráter anti-imperialista. Lembrando o pensamento de I. Rangel, mostra ainda que a disputa EUA-China faz parte da transição para o Socialismo, nesse momento com vantagem da China, com maior capacidade de promover os investimentos sociais exigidos para o crescimento (Gráfico 2¹¹⁴); como através do processo de diminuição da jornada de trabalho, posicionamento que encontraria barreiras no Ocidente em razão da consequente perda de competitividade produtiva e a ganância míope de grande parte do mercado industrial do Ocidente.

Gráfico 2 - Comportamento do PIB da China (1980-2020).



Fonte: UNCTAD (2022).

¹¹³ A financeirização faz com que os capitais se voltem à ciranda do Capitalismo virtual.

¹¹⁴ Embora a velocidade de crescimento chinês pareça desacelerar, deve-se considerar que ele se dá através de uma base econômica bem mais robusta que nas décadas anteriores (1970 e 1980), o que enfatiza a constante força do seu processo de desenvolvimento.

Oliveira (2003) introduz um novo e importante elemento nas interpretações sobre a particularidade chinesa com a formação do quadro técnico de serviço público, advindo da base política do PCCh. Distintamente do Ocidente, onde as elites acessam os espaços de poder, na China isso se dá pelo esforço e em camadas. Há um destacado cuidado com a formação e a atualização das pessoas, assumindo-se a prática como o critério para a verdade (p. 142) que se volta à intensa e extensa interação da sua economia com as redes produtivas globais (p. 158). Historicamente, as relações comerciais chinesas com os demais países se mostram tranquilas e construtivas (Oliveira, 2008).

Essas forças chinesas são destacadas por Kissinger (2011) em razão, principalmente, dos seus valores. Há uma sensível diferença entre basear-se no progresso (visão Ocidental), em contrapartida à perspectiva chinesa de desenvolvimento que parte do aprendizado. Ressalta o diplomata que se trata da formação de um Estado pacífico e unificado, mesmo diante das constantes ameaças e da exploração de modelo que coloca o mercado como parceiro do Estado, mas não formaria a “face de uma mesma moeda”¹¹⁵ como se identifica no Capitalismo. Para o diplomata, a história revelou que a estratégia geopolítica do país era flexível e adaptável e teve como alvo a integração com o Ocidente e, ao mesmo tempo, na sua dinâmica interna nunca dispensou reformas de base popular e em escala de representatividade democrática.

H. Kissinger enxergou ainda que o isolamento dos norte-americanos era um risco, assim como seu modelo bélico no contexto da ascensão pacífica chinesa, sustentada em sua filosofia moral. Embora o autor acreditasse que o modelo mundial do século XXI rejeitaria apenas um centro gravitacional, com potencial reação da comunidade internacional e que o crescimento chinês enfrentaria, a exemplo de outras nações, um processo de desaceleração – o que pode ser uma associação ao que é historicamente determinado no Capitalismo: a natural dinâmica de oscilação dos ciclos econômicos, mesmo que o crescimento do PIB chinês se comporte singularmente em longa fase ascendente desde 1980, como retrata o Gráfico 2. Sua participação na relação com o mundo é constantemente crescente há cinco décadas, revelando uma distinção dos efeitos desse modelo Socialista com o que se vê na alternância Capitalista identificada nos Ciclos Médios do estatístico francês C. Juglar que trata do processo de acumulação capitalista

115 Termo de Marx (2017).

nacional. Com isso, a China se apresenta ao mundo além de um Estado-nação, munida de valores universais com fortes raízes de uma grande e resistente civilização milenar que assume seu papel na dinâmica política e econômica sem negar seus princípios filosóficos confuciano e taoísta e, especialmente, os marxistas-leninistas¹¹⁶.

3. Uma nova Formação Social e/ou uma Nova Economia do Projeto?

Na época da sua graduação e mestrado (2003-2004), com o suporte do PC do B partido ao qual é filiado desde sua juventude, E. Jabbour teve oportunidade de visitar a China. Na sua viagem, em diálogo com trabalhadores e em visita a suas residências, identificou que, mesmo com renda baixa, eles tinham acesso a equipamentos e à “linha branca” de eletrodomésticos como se via na classe média brasileira. Essa realidade era explicada pelo financiamento via banco público, de forma associada à política econômica governamental de prazos longos e juros baixos que inseriu dezenas de milhões de cidadãos da classe popular no mercado de consumo. Como consequência, a estrutura produtiva teve de ampliar suas instalações constantemente e produzir em grande escala para os mercados interno e externo, ganhando assim mais competitividade em virtude da diluição dos custos. Em relação às empresas, com financiamento a montante para renovação de equipamentos, também se ofertava “dinheiro barato” via política estatal, permitindo não só a renovação de equipamentos das plantas produtivas instaladas, como também ajudando a equipar as novas fábricas.

No seu doutorado (2007-2010) Jabbour (2008, p. 86) continua seus estudos sobre a China concluindo sua segunda viagem. Na nova visita, além de explorar o litoral, dedicou-se também a viajar pelo interior chinês, em fase de forte dinamismo no seu desenvolvimento, buscando reduzir os antigos contrastes; que o país deve impor-se comercialmente para fora com o processo de crescimento interno consolidado. Observou-se, por outro lado, que a superestrutura do PCCCh mostrava capacidade de governo ante a mutante estrutura social interna. O autor insiste que a China deve ser espelho para o Brasil e fomenta a troca de experiências entre parlamentares desses países e assume que o modelo chinês deve ser

116 “ (...) o país se expandiu por osmose cultural, não por zelo missionário.” (Kissinger, 211, p. 507).

a referência para o processo de desenvolvimento mundial, especialmente no que coloca como uma transição do Capitalismo para o Socialismo.

Em suas obras da década posterior (Jabbour, 2020a) assumiria que o Socialismo chinês vivia sua fase “de mercado” como um tipo de contradição marxista¹¹⁷, considerando que o excedente de produção seria gerido pela sociedade ou meios de produção socializados. Justifica essa sua afirmativa porque não se pode acabar com as relações mercantis de produção em sociedades pré-industriais ou sociedades industriais subdesenvolvidas (p. 130). Define, com isso, o “Socialismo de Mercado” como a forma econômica de um tipo de modelo socialista em estágio inicial, através do predomínio de capital estatal.

No mesmo período, o termo “Nova Economia do Projeto” aparece em debates do autor-militante. Jabbour (2020b) diz que a China promove a combinação de diferentes modos de produção, prevalecendo o papel estatal no comando da economia que a levará a uma nova formação sócio-espacial, numa realidade que exige, como ele mesmo incorpora, uma ressignificação de conceitos marxistas (p. 23). O autor ainda coloca a China num tipo de fluxo que exige compatibilidade com o mercado e, ao mesmo tempo, invoca a teoria rangeliana revelando um expressivo “escorregão” ao sustentar que o Projeto de Rangel (1987), que estuda o Brasil, seria uma fusão entre a planificação soviética, o *keneysonianismo* e a economia monetária. Rangel não afirmou que há essa composição em nenhum momento em seus estudos (Rangel, 1987; 1999; 2012).

Em sua última obra (Jabbour; Gabrielle, 2021), que foi premiada na China e registra recorde de vendas no Brasil, os autores assumem que a engenharia social se limita ao “metamodo de produção”, sugerem que o Socialismo utópico (ou modelos clássicos de Socialismo) não se materializaria nessa fase da história; retomam a coexistência de modos de produção e defendem que o país rumo do Socialismo de Mercado para a Economia do Projeto, sendo os projetos os prováveis sucessores do mercado enquanto principal mecanismo de funcionamento econômico. Com isso, I. Rangel novamente é usado na fase mais recente do pensamento de E. Jabbour para sustentar que a China possui uma nova

117 Para K. Marx o Socialismo seria a superação do próprio mercado e das classes como uma categoria histórica milenar.



formação sócio-espacial, e, bem além disso, como um país que revelaria sua fase superior Socialista por meio daquilo que se intitula como Nova Economia do Projetoamento.

Ainda em artigo recente (Jabbour; Gomes, 2024), o autor coloca a Nova Economia do Projetoamento como um estágio superior do desenvolvimento desdobrado pelas reformas econômicas de Mao Zedong, associado megaprojetos e nova tecnologia com as grandes novidades do Oriente. Ora, ao assumir essa afirmação coloca-se uma falsa interpretação de que o Capitalismo Ocidental não teria vivenciado essas fases como claramente aparecem nas análises de N. Kondratieff e J. Schumpeter, que revelam a ascensão e os limites desse modo de produção. A questão chinesa é de escala em face de seu destacado mercado interno ainda em transição de classes, e claramente associado à estratégia de comando estatal em posição internacional politicamente tolerante, harmônica, silenciosa, paciente e comercialmente ofensiva.

Lembra Weber (2023) que o secretário geral do PCCh (1989-2002), J. Zemin, afirmou que a diferença entre Capitalismo e Socialismo não está na ênfase do Planejamento nem na regulação do mercado, rejeitando que economia de mercado e economia planejada pertencessem a sistemas sociais diferentes. Foi esse entendimento que permitiu que o Socialismo se apropriasse do mercado, entendendo que lhe cabe como modelo o seu comando. Ou seja, o Planejamento também envolve cálculos e projeções e, da mesma forma, o mercado também possui certo grau de autonomia que nem sempre suporta todo tipo de intervenção regulatória. Justamente nesse ponto se ressalta a exigência de que o Estado exerça seu papel na economia, entendendo que há uma “via de mão dupla” e que o papel estatal, exercido através do partido, exige comportamentos distintos na linha histórica da socioeconomia particular da nação ao lidar com a realidade dos acontecimentos.

Ou seja, trata-se de movimento de governança gerido por meio de um poderoso setor público que exerce papel fundamental na economia, administrando também todos os serviços sociais. Sua estratégia de desenvolvimento mostra-se coerente, autocentrada e eficaz como se viu no crescimento das suas exportações de bens e serviços desde os anos 1990 e sua destacada aceleração nos anos 2000. Adota a coexistência pacífica pela solidariedade, mas assume que a guerra comercial precisa ser enfrentada, especialmente

com os EUA (Herrera, 2024). Como coloca A. Mamigonian, não se trata de uma base confucionista débil, já que

Confúcio não via uma bondade humana inata e, discordando do taoísmo, não acreditava que a maldade deveria ser retribuída com bondade. A bondade deveria ser recompensada com a bondade, conforme a regra da reciprocidade, mas a maldade deveria ser corrigida com a justiça. (Mamigonian (2008a, p. 154)

4. Discussões finais

No contexto global, Mamigonian et al. (2022) destacam que V. Lenin completa as ideias de K. Marx ao colocar como contradição principal o conflito entre os diversos tipos de imperialismo e as nações coloniais e as semicoloniais, ideia fundamental para entender o mundo. Nesse ponto, resta superada a luta de classes no interior dos países justamente pela busca por independência e autonomia no contexto de uma falsa globalização. Nessa toada, Rangel (2012) lembrou que de 1930 a 1980 a URSS, o Japão e o Brasil foram as nações que mais cresceram no mundo com EUA, Inglaterra, França e Alemanha fora desse rol de lideranças desenvolvimentistas nesse período.

Quando perdia mercado para a indústria de automóveis japoneses que avançava com o *toyotismo*, esboçando precocemente um dos pilares da Terceira Revolução Industrial, os EUA intervieram para supervalorizar o iene. Por outro lado, essa brutal intervenção revelou seu lado romântico, como a falsa definição de que a globalização contribuía para formar um só mundo sem fronteiras nacionais como bem demonstrou Hollanda Filho (1998). Atualmente, os automóveis elétricos chineses ganham o mundo ao crescer oito vezes sua produção de 2019 a 2023 e obrigando os EUA a imporem (2024) uma taxa de importação de 100% sobre esse tipo de produto. Destaca-se também que a China possui reservas em dólar que ultrapassam os US\$ 3,2 trilhões e promove a venda de obrigações do tesouro consideradas ultralongas, como base de política de investimento em megaprojetos em infraestrutura e na sua própria segurança nacional (Dow Jones, 2024).

Nesse contexto de desenvolvimento da China, nossa conclusão é que o Plano Quinquenal é a espinha dorsal do Projeto, servindo como roteiro para orientar todas as atividades desde o seu início até a sua conclusão. Durante o processo de execução do plano os objetivos são alcançados, os recursos necessários são aplicados e a estratégia

para alcançar as metas é colocada em prática. Além disso, permite antecipar e mitigar riscos, estabelecer um cronograma realista e alinhar as expectativas de todas as partes interessadas na Economia de Projeto, ideia desenvolvida por Rangel (1987) no caso brasileiro.

Com isso, o Planejamento não apenas maximiza as chances de alcançar os objetivos pelo consequente Projeto, mas também ajuda a garantir que ele seja concluído dentro do prazo e do orçamento estabelecidos. Convém lembrar que a Economia do Projeto se deu no Brasil em ambiente onde a moeda brasileira estava submetida a uma “perene delinquência” conforme feliz análise de I. Rangel, e os financiamentos mais robustos (para as grandes obras de infraestruturas) só poderiam chegar a bom termo com empréstimos internacionais. A China das últimas décadas não só acumula grandes reservas cambiais em dólar, como também tem à sua disposição um dos mais robustos sistemas financeiros nacionais capaz de financiar suas colossais obras que proliferam pelo território nacional e internacional.

Ao defender a ideia de que a Economia do Projeto é mais importante, ou viria antes do Planejamento, estaríamos “colocando a carroça na frente dos bois”. O Plano Quinquenal é uma fase crítica e essencial em qualquer organização Socialista e modelo rigoroso estatal, pois apenas durante esse processo os fundamentos para o Projeto são estabelecidos. Sem o Planejamento adequado, o projeto corre o risco de enfrentar uma série de problemas, incluindo falta de clareza nos objetivos, alocação inadequada de recursos, cronogramas irrealistas, falhas na comunicação e dificuldade em lidar com imprevistos. Nessa linha de raciocínio, Rangel (2012, p. 255) afirma que “só no nível do plano geral o projeto faz sentido...” e “como não temos projetos cientificamente elaborados, não podemos ter plano; e não sabemos (também) que projetos estudar porque não temos plano.”

Por outro lado, quando o Plano Quinquenal é negligenciado em favor de um Projeto qualquer, as chances de êxito são significativamente minimizadas. Uma Economia do Projeto pode tornar-se caótica, desorganizada e tendente a erros, o que pode levar a atrasos, custos adicionais e até mesmo ao fracasso completo. Portanto, é essencial reconhecer a importância do Plano Quinquenal como um elemento fundamental para o pleno êxito da Economia do Projeto. Na China, os catorze Planos Quinquenais



estabelecidos e a Economia do Projeto são interdependentes e devem ser tratados com a mesma importância e cuidado. Um plano bem estruturado estabelece as bases para um Projeto bem-sucedido, garantindo que os objetivos sejam alcançados de forma precisa, dentro do prazo e do orçamento estabelecidos.

O próprio Jinping (2019) demonstra como a estratégia se coloca como fase anterior e condicionante ao projeto ao citar que o Socialismo de característica chinesa incorpora a prática (chamada de nova prática a partir da constante análise da realidade), a teoria (adaptação do marxismo à China; e a persistência, o desenvolvimento e a atualização constante do marxismo-leninista) e o sistema (assumido como ainda imperfeito e carente de maturidade). Ou seja, é a governança que estabelece a estratégia, a estratégia que promove o planejamento e o planejamento que define os programas, e estes últimos desenvolvem o rol de projetos¹¹⁸.

Com isso, concluímos que a China vivencia “apenas” uma nova fase de sua formação Socialista. Não houve alteração de modelo, mas sim um reforço e uma aceleração do seu processo de caráter centro-milênar. Sua base camponesa comunitária deu origem ao espírito coletivo, à independência pessoal e ao interesse filosófico. Assim também a ênfase no comércio internacional segue evidente, sem subestimar a questão bélico-militar (Mamigonian, 2023), demonstrando a inseparabilidade entre geopolítica e geoeconomia. Conforme expõe sua quarta constituição (1982), a República Popular é dirigida pela aliança da classe trabalhadora com os camponeses, cabendo ao Estado coordenar a dinâmica de implantação do Socialismo ao apoiar reformas e a abertura ao mundo (Quaresma, 2020). Noutros termos, o que K. Marx desenvolveu sobre as tipologias dos modos de produção e V. Lenin aperfeiçoou por meio das particularidades sobre as vias de desenvolvimento são suficientes para interpretar a China de ontem e de hoje, sem recorrer a novas metáforas derivativas.

Importante retomar que o modelo *keneyiano* se aplica ao Capitalismo, não ao Socialismo, pela ação e/ou intervenção estatal como política anticíclica e que a planificação soviética foi muito mais um objeto de observação chinesa como exemplo de correções desse modelo em virtude da subordinação à lógica estadunidense imposta por

118 Esse fluxo é fundamental em qualquer modelo científico básico na teoria da administração, da gestão e da política pública (grifo dos autores).



meio da ilusão da “guerra nas estrelas” e, como singularmente identificou A. Mamigonian em sua pesquisa de campo ao não dar a atenção devida à classe trabalhadora, que, como consequência, culminaria com o fracasso da engenharia, como ocorreu no acidente com a usina nuclear em Chernobyl (1986).

Rangel (1990) coloca muito bem que tanto no Socialismo como no Capitalismo, no período descendente do Quarto Ciclo de Kondratieff (a partir de 1973), a entrada na recessão unia “dois mundos”. No entanto, essa realidade nos países cêntricos não impediu que o Japão e a China marcassem os extremos da época na Ásia ao expandir suas indústrias de 1960 a 1986 com crescimento médio de 7,5%. No período de intensificação da crise da década de 1980, o Japão passa a crescer apenas 3,5% e a China se aproxima de 11%, demonstrando que o Socialismo exibe sua nova dinâmica para o mundo se destacando até os dias atuais ao revelar uma importante inversão no processo de desenvolvimento desses dois países. Essa questão atesta que a insubordinação à influência estadunidense é a receita chinesa justamente para isolar ações imperialistas como se viu contra o Brasil, União Soviética e o próprio Japão, países então líderes do crescimento econômico nas décadas de 1930 a 1970, como já se viu aqui.

Na indústria do gás natural¹¹⁹ a China promove movimento geopolítico e, ao mesmo tempo, geoeconômico. Após o ataque às infraestruturas dos gasodutos russos Nord Stream 1 e 2 (Estrella; Rocha, 2023)¹²⁰, a China ampliou a aquisição de Gás Natural Líquido (GNL) da Rússia alcançando o Japão na liderança de importação da *commodity*, desenvolveu novas infraestruturas que permitem a maior reserva do insumo mundial e passou a explorar em seu território o *shale gas*¹²¹. Esse modelo controverso de exploração por *fracking* posicionou os EUA como maior exportador mundial depois dos ataques aos gasodutos russos e permite a oferta de insumo barato à indústria nacional. No caso da Argentina, permite que o país lidere a produção de gás natural na América Latina,

119 De 2006 a 2018 a China triplicou o consumo de gás natural e projeta para 2030 também triplicar o consumo de fontes renováveis de energia, atingindo 25% da sua matriz por meio desse tipo de insumo (Ungaretti, 2021).

120 Ataques que podem ser atribuídos aos EUA na dinâmica geopolítica mundial (Putin, 2024). O que Rangel (1982, p. 25) chama de “uma clara (e histórica, grifo dos atores) oposição às formas socialistas na divisão internacional do trabalho.”

121 Extração do gás de folhelho de rochas sedimentares de fonte não convencional, fruto da decomposição de matéria orgânica em águas rasas (Estrella; Rocha, 2023).



ultrapassando o México e assumindo a antiga centralidade que era da Bolívia no abastecimento da América do Sul.

Contudo, deve-se considerar que o já antigo centro do sistema ainda mira a China com a transição energética e as metas da Organização das Nações Unidas (ONU), mas o país reage tornando-se a maior importadora e armazenadora de gás natural líquido do mundo, combustível de transição usado como insumo termoelétrico substituindo o carvão; investe na maciça arborização das metrópoles e reflorestamento do território; promove os maiores investimentos globais na produção de energia renovável; e se tornou a maior produtora de carros elétricos liderando mercados mundiais. Além disso, tem relações internacionais apoiada em nova lógica ao fomentar investimentos para enfrentar gargalos de infraestrutura de países periféricos, sem explorar os serviços de utilidade pública na lógica do rentismo e do controle de governança de empresas estatais externas como ocorre com o capital Ocidental de origem imperialista, que ocuparam as colônias e semicolônias mundiais em parceria com instituições públicas internas dos próprios países explorados. Países da África e o Brasil são exemplos dessa realidade.

Noutros termos, e conforme princípio de K. Marx, no Capitalismo Ocidental a míope indústria controla o Planejamento estatal e no Socialismo que se apresenta ao mundo na singular tipicidade chinesa, o Estado controla o modelo e desenvolve e coordena a indústria de forma alinhada à sua estratégia e a seus valores. Ou seja, o mercado como categoria histórica exige no Capitalismo a posição de comando, enquanto no Socialismo de base marxista-leninista se comporta como importante elemento devidamente capitaneado pelo Moderno Príncipe. O PPCh coordena o direcionamento da indústria local chinesa, por meio da ciência e da nova técnica, como na produção de chips¹²² através da inteligência artificial e no forte desenvolvimento da mobilidade elétrica que impõe atualmente importantes desafios logísticos à infraestrutura portuária Ocidental. Essas sete

122 O Programa Nacional de Médio e Longo Prazo para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (2006-2020) constitui-se em marco para o desenvolvimento tecnológico chinês, lançando os alicerces para o desenvolvimento de políticas que buscam vantagens para as empresas chinesas nacionais. O objetivo principal era não mais depender estritamente da importação de tecnologia estrangeira para promover seu próprio processo de inovação tecnológica. Num segundo momento, o lançamento do plano “Made in China 2025” e a promulgação do 13º Plano Quinquenal (2016-2020) levaram o país a um novo caminho de industrialização, ao projetar foco no desenvolvimento de capacidades científicas e tecnológicas que economizem recursos e promovam produtividade econômica, além de enfatizar o recurso da inovação tecnológica para o crescimento econômico. Nestes planos, a tecnologia 5G foi assumida como uma indústria emergente estratégica e uma nova área para o crescimento, visando tornar o país um líder global em manufatura avançada (Prestes, 2022).



décadas mostram que Planejamento se faz no longo prazo; e Projeto, como ensina o exemplo chinês, é ferramenta para enfrentar de forma antecipada os gargalos que atravancam o desenvolvimento.

Vivemos a época da transição do Capitalismo para o Socialismo. Complexa, essa batalha significa que todas as nações coloniais e semicoloniais estão reagindo. Acabou-se o tempo de dependência dos EUA, cita Mamigonian (2022). E nessa cara transição para o Socialismo, vemos risco e elevado descompromisso com a realidade em pesquisas que se esforçam em dar foco à busca por uma originalidade inexistente, apostando no modelo “novidadeiro” como forma de ter a atenção social e também outras vantagens típicas do academicismo comercial. E o principal ponto que colocamos como objeto de pesquisa futura seria, justamente, como identificar e enfrentar a contaminação, no bojo socialista, de ataques via elites internas e externas usando o partido e o Estado como instrumentos de corrupção, com vistas a contaminar a pujança econômica e, também, a imagem desse novo modelo que se posiciona como referência global.

Referências

- ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade clássica ao feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do Século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DOW JONES. China to start ultralong treasury bond sale on friday. Global News Select. 13 mai. 2024. Disponível em: <https://www.morningstar.com/news/dow-jones/20240513142/china-to-start-ultralong-treasury-bond-sale-on-friday>.
- ESTRELLA, Leonardo; ROCHA, Isa de Oliveira Rocha. Os gasoduto russos, o conflito na Ucrânia e a divisão internacional do trabalho: uma abordagem rangeliana. **Geosul**, v. 38, n. 86, p. 261-283, mai, 2023.
- FRANCO Jr., Hilário, CHACON, Paulo Pan. **História econômica geral**. São Paulo: Atlas, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China: multipolaridade**. Seminários IPRI. Brasília: IPRI, FUNAG, 2003.
- HERRERA, Rémy. A China desenvolve um projeto estratégico não financeiro e não bélico. **Associação dos Engenheiros da Petrobras - AEPET**. 21 jun. 2024. Disponível em: <https://aepet.org.br/noticia/a-china-desenvolve-um-projeto-estrategico-nao-financeiro-e-nao-belico/>. Acesso em 20. jul. 2024.
- HOLLANDA FILHO, Sérgio Buarque de. Livre comércio versus protecionismo: uma antiga controvérsia e suas novas feições. **Estudos Econômicos**, v. 28, n. 1, p. 33-75, jan-mar, 1998.
- JABBOUR, Elias. Segunda viagem à China (janeiro de 2007) *In*: MAMIGONIAN, Armen; BASTOS, José Messias (org.). Dossiê Ásia-China 1. Geografia Econômica. **Anais de Geografia Econômica Social**, UFSC, 1 ed, jul, 2008.



ANAIS do 5º Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social
O MUNDO ATUAL: TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA ECONÔMICA E SOCIAL
Foz do Iguaçu 12 a 17 de agosto de 2024

- JABBOUR, Elias. China: desenvolvimento e socialismo de mercado. 1 ed. **Cadernos Geográficos**, UFSC, n. 38, 2020a.
- JABBOUR, Elias. **China**: socialismo e desenvolvimento sete décadas depois. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2020b.
- JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China**: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.
- JABBOUR, Elias; GOMES, Willian Thompson Silva. Do planejamento soviético à Nova Economia do Planejamento. **Revista Pesquisa e Debate**, v. 36, n. 1, v. 65, 2024.
- JINPING, Xi. **A governança da China**. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.
- KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **O programa agrário da social-democracia na primeira Revolução Russa de 1905-1907**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- LENIN, Vladimir Ilyich. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- LENIN, Vladimir Ilyich. **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.
- LENIN, Vladimir Ilyich. **Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os social-democratas?** São Paulo: Lavra Palavra: 2022.
- MAMIGONIAN, Armen. A China e o marxismo: Li Dzahao, Mao e Deng. In: ROIO, Marcos Del et al. (org.). **Marxismo e Oriente**: quando as referências tornam-se os centro. São Paulo: Oficina Universitária, 2008a.
- MAMIGONIAN, Armen. As bases naturais e sociais da civilização chinesa. In: MAMIGONIAN, Armen; BASTOS, José Messias (org.). Dossiê Ásia-China 1. Geografia Econômica. **Anais de Geografia Econômica Social**, UFSC, 1 ed., jul, 2008b.
- MAMIGONIAN, Armen, JABBOUR, Elias; FARIA, Fernando Rodrigo. O projeto nacional de desenvolvimento da China: diálogo com o caso brasileiro. UFMS. **YouTube**. 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ZE5IEHHj0Dk?si=Pof-Hs3v4vwrLkXw>.
- MAMIGONIAN, Armen. A ascensão da China e a rivalidade com os EUA. In: MARTIN, André et al. (org.). **Quando eu acordei o Dragão estava lá**: a geografia da China no século XXI. São Paulo: Hucitec, 2023.
- MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- MARX, Karl. **O capital**: a crítica a economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- OLIVEIRA, Amaury Porto de. Governando a China: a quarta geração de dirigentes assume o controle da modernização. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 46, n. 1, p. 138-160, 2003.
- OLIVEIRA, Amaury Porto de. O Vietnã volta a estar em foco In: MAMIGONIAN, Armen; BASTOS, José Messias. **Anais de Geografia Econômica e Social**: Dossiê Ásia/China. Florianópolis: UFSC, 2008.
- PRADO Jr., Caio. **História econômica brasileira**. ed. 26. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.
- PRESTES, Elisa Gomes. A geopolítica digital do 5G: elementos para compreender o desenvolvimento tecnológico chinês da quinta geração de telefonia móvel. **Geosp**, v. 26, n. 2, ago, 2022.
- PUNTIN, Vladimir. Kremlin. Interview to Tucker Carlson. **YouTube**, 9 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hYfByTcY49k>.
- QUARESMA, Henry Uliano. **O fator China e os novos negócios**. 3 ed. São Paulo: Aduaneiras, 2020.
- RANGEL, Ignacio. A Polônia e o Ciclo Longo. **Encontros com a Civilização Brasileira**, v. 29, n. 11, 1982.
- RANGEL, Ignacio. **Elementos da economia do planejamento**. 2 ed. São Paulo: Bienal, 1987.
- RANGEL, Ignacio. O Quarto Ciclo de Kondratiev. **Revista de Economia Política**, v. 10, n. 4, out-dez, 1990.
- RANGEL, Ignacio. **Dualidade básica da economia brasileira**. 2 ed. São Paulo: Bienal, 1999.
- RANGEL, Ignacio. **Ignácio Rangel**: Obras Reunidas. v. 1/2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n.54, p. 81-99, jul, 1977.
- SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. v. 1. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- UNGARETTI, Carlos Renato. O 14 Plano Quinquenal (2021- 2025) da China em Perspectiva Doméstica e Internacional: Economia, inovação e meio- ambiente. **Núcleo de Estudos do BRICS**. 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nebrics/o-14o-plano-quinquenal-2021-2025-d...va-domestica-e-internacional-economia-inovacao-e-meio-ambiente/>.
- WEBER, Isabella. **Como a China escapou da terapia de choque**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2023.